

PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE MULHERES ADOLESCENTES NO ESPAÇO ESCOLAR: um estado da arte

PROMOTION OF SEXUAL AND REPRODUCTIVE HEALTH OF ADOLESCENT WOMEN IN SCHOOL SPACE: a state of the art

Jizéli Marciano Gonçalves¹

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)¹
jizabio@gmail.com¹

Lorena Cardoso Rezende²

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)²
lorisunb@gmail.com²

Roseli Adriana Blumke Feistel³

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)³
roselifeistel@gmail.com³

Resumo

O objetivo da pesquisa foi analisar estudos que envolvessem a temática adolescência, escola e sexualidade publicados na base de dados SciELO, no período de 2002 a 2019. Após a leitura dos resumos de 58 artigos filtrados, selecionou-se 15 textos que se enquadraram nas seguintes categorias: a) utilizaram a escola como lugar privilegiado para promoção da saúde sexual e reprodutiva e conscientização sobre a importância do ensino da sexualidade; b) associaram a não abordagem do tema sexualidade nas escolas a falta de preparo e programas de capacitação dos professores; e c) indicaram a experiência de intervenção nas escolas de oficinas e programas para mudanças positivas de comportamento em sexualidade na adolescência, bem como a implementação de políticas públicas. A partir destes resultados foi constatado a necessidade de mais produções científicas com a temática saúde sexual e reprodutiva focando os adolescentes no espaço escolar.

Palavras-chave: educação em saúde, adolescência, escola, sexualidade.

Abstract

The objective of the research was to analyze studies involving the theme of adolescence, school and sexuality published in the SciELO database, from 2002 to 2019. After reading the abstracts of 58 filtered articles, 15 texts were selected that fit the following categories: a) they used the school as a privileged place to promote sexual and reproductive health and raise awareness about the importance of teaching sexuality; b) associated the lack of approach to

sexuality in schools with the lack of preparation and teacher training programs; and c) indicated the experience of intervention in schools of workshops and programs for positive behavioral changes in sexuality in adolescence, as well as the implementation of public policies. From these results, it was found the need for more scientific productions with the theme of sexual and reproductive health, focusing on adolescents in the school space.

Keywords: health education, adolescence, school, sexuality.

Introdução

No Brasil, as políticas públicas de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos estão unindo-se para promover o desenvolvimento pleno desse público. Em 2007, pelo Decreto Presidencial nº 6.286 (BRASIL, 2007), foi estabelecido o Programa Saúde na Escola (PSE), do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, visto como fruto do esforço do governo federal em construir políticas intersetoriais para a melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Tendo em vista, a população adolescente o desafio é grande, devido à dificuldade de se ter um olhar cuidadoso às necessidades, às demandas e às expectativas específicas dessa faixa etária. Vários obstáculos impedem a garantia ao direito fundamental à sua saúde, seja em termos jurídicos, financeiros, geográficos ou em relação ao atendimento, uma vez que este segue precário e insuficiente (BRASIL, 2017a). Neste contexto, no ano de 2017, o Ministério da Saúde lançou um documento visando ampliar a inserção dos adolescentes na Atenção Primária à Saúde (APS), propondo a atuação dos profissionais no cuidado à saúde, hábitos saudáveis e aspectos clínicos. Para Sehnem *et al.*, 2019, o documento objetivava implementar ações direcionadas à sexualidade, consulta ginecológica, planejamento reprodutivo, anticoncepção de emergência, gravidez e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). No entanto, o estudo aponta que não há este acompanhamento no desenvolvimento dos adolescentes, apenas atendimentos pontuais no adoecimento ou gravidez, bem como o distanciamento dos profissionais e serviços de saúde. Diante disso, a Secretaria de Atenção à Saúde prevê a escola como um espaço privilegiado para práticas de promoção de saúde e, também, de prevenção de agravos à saúde e de doenças, sendo um lugar que agrega grande parte dos adolescentes e jovens de comunidade, um espaço de socialização, formação e informação.

Nas escolas, o trabalho de promoção da saúde com os estudantes, e também com professores e funcionários, precisa ter como ponto de partida “o que eles sabem” e “o que eles podem fazer”, desenvolvendo em cada um a capacidade de interpretar o cotidiano e atuar de modo a incorporar atitudes e/ou comportamentos adequados para a melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 2011, p. 6).

Perante a expectativa de educar para a promoção da saúde torna-se imprescindível, por parte do professor, avaliar a história do aluno, sendo considerado pelo pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008) “peça chave” para a aprendizagem significativa. Sendo assim, o professor tem como foco em suas aulas, estratégias de ensino e aprendizagem voltadas para o fortalecimento das capacidades individuais dos alunos, para tomar decisões favoráveis à sua saúde, na ocasião à saúde sexual e reprodutiva, objeto deste estudo. Para corroborar, Paulo Freire (1996), ressalta a importância de estabelecer um elo entre os saberes que os alunos trazem para escola, com o conteúdo que vai ser estudado e, diante desses conhecimentos torna-se necessário, por parte do professor, buscar meios de esclarecer conceitos e concepções distorcidas e significá-las com informações de qualidade com

fundamentação científica. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017b), documento normativo que prevê competências gerais nos diferentes níveis de ensino da Educação Básica, é obrigatório constar nos currículos escolares temas integradores que se referem a assuntos da atualidade que afetam a vida humana em escala global, regional e local. Neste contexto, com um olhar específico para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, compreende-se, por meio da literatura, que o corpo da mulher está exposto as mais diversas vulnerabilidades e desafios da atualidade, visto como “problemas entre os adolescentes” relacionados em parte pela falta de informação.

Haja vista, a escola pode contribuir para o enfrentamento dos fatores de risco que comprometem o desenvolvimento pleno desse público, os conhecimentos científicos sobre métodos contraceptivos e os cuidados com o corpo tornam-se aliados na consolidação de ações voltadas a saúde sexual e reprodutiva de mulheres adolescentes.

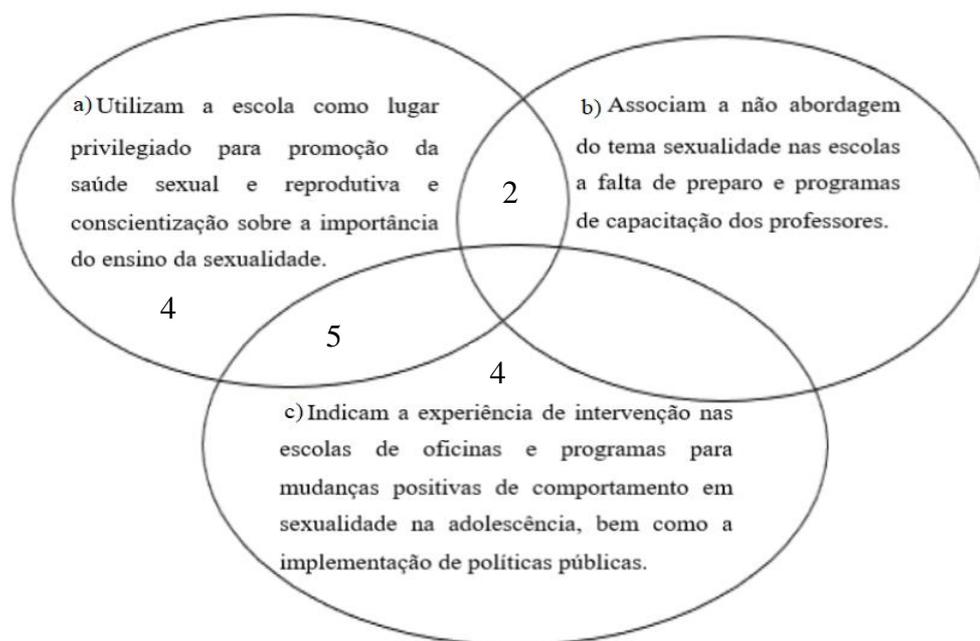
Metodologia

O trabalho foi desenvolvido nos pressupostos da pesquisa qualitativa, sendo que “o estado da arte é um método de pesquisa que se realiza por meio de uma revisão bibliográfica sobre a produção de determinada temática em uma área de conhecimento específica” (SILVA; CARVALHO, 2014, p. 348). A pesquisa dos artigos científicos foi realizada no período de 2002 a 2019 na base de dados SciELO. As estratégias de busca foram definidas, previamente, determinando como critério de inclusão todos os estudos publicados entre os anos de 2002 a 2019 em língua portuguesa. Para a coleta de dados na base SciELO foram utilizados os descritores: adolescência, escola e sexualidade. Após a leitura dos resumos dos artigos, selecionou-se os textos que se enquadrassem em três categorias: a) Utilizaram a escola como lugar privilegiado para promoção da saúde sexual e reprodutiva e conscientização sobre a importância do ensino da sexualidade; b) Associaram a não abordagem do tema sexualidade nas escolas à falta de preparo e programas de capacitação dos professores; c) Indicaram a experiência de intervenção nas escolas por meio de oficinas e programas para mudanças positivas de comportamento em sexualidade na adolescência, bem como a implementação de políticas públicas.

Discussão e análise dos resultados

Na base de dados SciELO foram encontrados 58 artigos que contemplavam os descritores adolescência, escola e sexualidade, entretanto foram excluídos 43 trabalhos por não se enquadrarem nas categorias estabelecidas neste estudo. No diagrama da Figura 1, os 15 artigos selecionados estão separados por categorias e as interseções encontradas entre eles.

Figura 1 - Distribuição do quantitativo dos artigos da base de dados SciELO que tratam das questões da adolescência, escola e sexualidade. Os quinze artigos foram organizados de acordo com as categorias a, b e c, também foram distribuídos no diagrama conforme as interseções encontradas.



Fonte: elaborado pelas autoras

No Brasil, estudos apontaram que “a cada dia a escola tem sido cada vez mais requisitada para programas de Educação em Saúde, incluindo atenção diferenciada à educação em sexualidade” (MORAES *et al.*, 2018, p. 221). No período estudado, quinze artigos foram selecionados, sendo que cinco destes foram publicados em 2012.

A escola é vista como local privilegiado para a promoção da saúde sexual e reprodutiva na categoria a em quatro artigos (ALTMANN, 2007, VIDAL; RIBEIRO, 2008, MAIA *et al.*, 2012, CEDARO *et al.*, 2012). Foram encontrados dois artigos que reconheceram a importância da escola na promoção da saúde, mas também levantaram o despreparo dos professores para tratar o tema (JARDIM; BRÊTAS, 2006, VIEIRA; MATSUKURA, 2017). Na intersecção das categorias a e c, os autores associaram a importância da escola na promoção da saúde e a necessidade de intervenções estratégicas de ensino, além da implementação de políticas públicas para contribuir com a formação dos estudantes (TONATTO; SAPIRO, 2002, CARVALHO *et al.*, 2005, SOARES *et al.*, 2008, CAMARGO; FERRARI, 2009, MURTA *et al.*, 2012). Onze artigos centralizam a importância de ações na escola entendendo que é um espaço privilegiado para discussões e reflexões sobre o tema saúde reprodutiva e o ensino da sexualidade, apesar de dois artigos explanarem sobre a necessidade de maior qualificação do corpo docente para abordar esta temática.

Quatro artigos utilizaram a revisão de literatura para coleta de dados, os quais esclareceram sobre os direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes, os marcos legais e os desafios encontrados para implementar políticas públicas (HEILBORN, 2012, MORAES, VITALE, 2012, REIS *et al.*, 2018, SANTOS *et al.*, 2019). A partir disso, propõe-se uma análise dos dados a partir das categorias anteriormente definidas.

Nos artigos da primeira categoria, a escola foi considerada o lugar mais utilizado como fonte de coleta de dados sobre pesquisas que envolvem a temática saúde sexual e reprodutiva na adolescência. Dependendo do tipo de abordagem no que se refere à atividade sexual e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o espaço escolar torna-se um ambiente imprescindível para a construção de valores pertinentes a uma educação sexual que possibilite

às adolescentes escolhas conscientes (TONATTO; SAPIRO, 2002) e contribuir para o processo de humanização dos estudantes, mediante a construção de um novo sentido pessoal acerca da sexualidade (MAIA *et al.*, 2012). Ao abordar aspectos peculiares da vida dos adolescentes existe algumas ponderações para este tipo de intervenção, uma vez que, a forma como as meninas idealizam seus relacionamentos afetivos são diferentes dos meninos (ALTMANN, 2007), sendo pontuado por Vidal e Ribeiro (2008) que, principalmente, as meninas têm dificuldade de dissociar o sexo do amor. A maioria das mulheres adolescentes planejam como gostariam de vivenciar este momento em suas vidas, sendo que existe diferença na “maneira como buscam informações e como avaliam as consequências de um ato sexual como também a respeito do que esperam de uma relação amorosa” (CEDARO *et al.*, 2019, p. 337).

Na segunda categoria, foi constatado que para trabalhar as questões relacionadas à sexualidade, uma parcela expressiva de professores reconheceu como sendo necessário uma maior abertura sobre o assunto no espaço escolar. Contudo, acabavam focando a abordagem apenas no corpo biológico “restringindo-se apenas aos conteúdos dos livros de Ciências e Biologia que se resumem na anatomia e fisiologia da reprodução e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das DST/AIDS” (JARDIM; BRÊTAS, 2006, p. 161). Para que a orientação sexual na escola tenha sucesso, é importante que, parte do corpo docente, vislumbre a necessidade do estabelecimento de um programa de capacitação voltado para este tipo de ação educativa, pois relatam o desejo de abordar sobre sexualidade, mas revelam ter insegurança nos conhecimentos e na habilidade exigida durante a prática dos conteúdos.

Na categoria “c” que aborda as oficinas desenvolvidas nas escolas, Carvalho *et al.* (2005) afirmaram que foram elaboradas a partir do diálogo, aliando informação e reflexão, oferecendo ao adolescente um espaço para discussão, levando em consideração angústias e inseguranças relacionadas à vivência da sua sexualidade. Os adolescentes se preocupam em conhecer o seu corpo e o do parceiro, principalmente quando envolve a sexualidade (CAMARGO; FERRARI, 2009). Murta *et al.* (2012) relataram que os adolescentes aceitaram bem as atividades propostas do programa implantado na escola, principalmente, nos quesitos sexualidade, gênero e direitos. Sendo os marcos legais imprescindíveis para essa vivência uma vez que garantem ao adolescente desfrutá-la de forma mais segura e saudável, permitindo “autonomia no trato com sua saúde sexual e reprodutiva, e no direito de receber orientações e informações corretas nos serviços de saúde e nas escolas” (MORAES; VITALLE, 2012, p. 49). Como trata-se de um tema de relevância social (SOARES *et al.*, 2008), as oficinas foram realizadas, também, de forma interdisciplinar, cuja participação dos alunos ocorreu de maneira voluntária nas atividades. É preciso entender que informação sobre sexualidade “não se reduz a explicação do amadurecimento sexual orgânico” e, sendo um direito dos adolescentes, deve ser provido no âmbito da escola e dos serviços de saúde, e não depende exclusivamente da família (CAMARGO; FERRARI, 2009, HEILBORN, 2012).

Considerações finais

Os adolescentes precisam ser reconhecidos como sujeitos de direitos, inclusive direitos sexuais e reprodutivos, uma vez que muitos profissionais não aceitam a vida sexual dos adolescentes e não facilitam seu acesso às informações detalhadas sobre os métodos contraceptivos, por exemplo. Mesmo as escolas sendo consideradas um lugar privilegiado para promoção da saúde sexual e reprodutiva, recomenda-se aos adolescentes antes de iniciar a vida sexual, que busquem informações e assistência em um serviço de saúde, ainda que,

muitas vezes, os profissionais do setor não estejam preparados para atendê-los. O modo limitado de focar tais questões, tanto pela família quanto pela escola, de não reconhecerem a sexualidade dos adolescentes, bem como permitirem o seu distanciamento dos métodos contraceptivos, indica que está sendo negado que eles vivenciem seus direitos de forma responsável e consciente.

Agradecimentos e apoios

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática (PPGEM) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) câmpus Sinop.

Referências

- ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 333, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a04v15n2>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Saúde e sexualidade de adolescentes. **Construindo equidade no SUS**. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017a. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf. Acesso em: 05 jul. 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017b. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Passo a passo PSE. **Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersectorialidade** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica, Ministério da Educação. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passoa_passo_programa_saude_escola.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020.
- BRASIL. Presidência da República: Decreto nº 6.286 de 05 de dezembro de 2007. Brasília, DF: Casa Civil, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 22 ago.2020
- CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000300030>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- CARVALHO, Alysson Massote; RODRIGUES, Cristiano Santos; MEDRADO, Kelma Soares. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, n. 3, p. 377-384, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300006>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- CEDARO, José Juliano; BOAS, Luana Michele da Silva Vilas; MARTINS, Renata Moreno. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho -

RO. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.32, n. 2, p. 320-339, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200005>. Acesso em: 11 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 57-68, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000100005>. Acesso em: 11 jul. 2020.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 59, n. 2, p. 157-162, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 17, n. 1, pág. 151-156, março de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000100017>. Acesso em 05 de jul. de 2020.

MORAES, Sílvia Piedade de; BRÊTAS, José Roberto da Silva; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática. **Journal of Health Sciences**, v. 20, n. 3, p. 221-230, 2018. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/JHealthSci/article/view/4913>. Acesso em 04 jul. 2020.

MORAES, Sílvia Piedade; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 1, p. 48-52, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ramb/v58n1/v58n1a14.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

REIS, Ademar Arthur Chioro dos; MALTA, Deborah Carvalho; FURTADO, Lumena Almeida Castro. Desafios para as políticas públicas voltadas à adolescência e juventude a partir da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2879-2890, set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.14432018>. Acesso em 05 jul. 2020.

SANTOS, Ana Carolina Drehmer; GASPARIM, Adriana Caroline; MONTEIRO, Gabriella Marques; BRITO, Murilo Ribeiro; SILVA, Vanessa Alvez Mora da. Relato de Experiência: Construção e Desenvolvimento do Programa de Saúde na Escola (PSE) sob a Perspectiva da Sexualidade na Adolescência. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 4, p. 193-199, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v43n4rb20180248>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SEHNEM, Graciela Dutra; CRESPO, Bruna Tarasuk Trein; LIPINSKI, Jussara Mendes; RIBEIRO, Aline Cammarano; WILHELM, Laís Antunes; ARBOIT, Jaqueline. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Av Enferm.** v. 37, n. 3, p. 343-352, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v37n3.78933>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SILVA, Francisca Jocineide da Costa e; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de Carvalho. O estado da arte das pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução. In: **18º REDOR - Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudo e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero**. Recife -PE, 2014. Disponível em:

<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2192/648>. Acesso: 01 jul. 2020.

SOARES, Sônia Maria; AMARAL, Marta Araújo; SILVA, Liliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 485-491, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000300014>. Acesso: 05 jun. 2020.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 163-175, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S010271822002000200009>. Acesso em: 05 jul. 2020.

VIDAL, Elaine Italiano; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 519-531, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200016>. Acesso em 05 jul. 2020.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 453-474, jun. 2017 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017226923>. Acesso em: 05 jul. 2020.